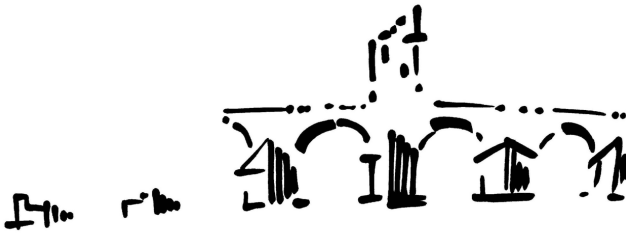


Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 16 / 2022



2022

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEx) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director – Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – María Luísa Leal / M^a Jesús Fernández García / Guillermo Vidal Fonseca:
secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luísa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad Autónoma de Madrid)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardenha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Ofília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 16 – Año 2022

Longos dias têm cem anos: *com Agustina Bessa-Luís*

Coordinación

Maria Teresa Nascimento
(Universidade da Madeira)

Isabel Ponce de Leão
(Universidade Fernando Pessoa)

Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 16 – 2022

Longos dias têm cem anos: com Agustina Bessa-Luís

SUMARIO / SUMÁRIO

Maria Teresa Nascimento – Prefácio	9-12
Alda Maria Lentina – Virgens, solteiras e poderosas: mulheres na obra de Agustina Bessa-Luís	13-30
Fernanda Barini Camargo – No encalço da <i>Sibila</i> : ler o espaço doméstico em Agustina Bessa-Luís	31-52
Maria do Carmo Cardoso Mendes – Agustina Bessa-Luís leitora de Luís de Camões	53-66
José Cândido de Oliveira Martins – Viagens, identidade e memória em Agustina Bessa-Luís e Maria Ondina Braga	67-87
Maria do Rosário Lupi Bello – <i>A Corte do Norte</i> – do livro ao filme	89-100

Testimonios / Testemunhos

António Braz Teixeira – Agustina e o Aforismo	103-104
Isabel Ponce de Leão – A linguagem é o recipiente do pensamento	105-106
José Viale Moutinho – Lenta, silenciosa, desconhecendo	107
Maria Helena Padrão – Agustina Bessa-Luís, uma paixão	109-111
Renato Epifânio – Agustina Bessa-Luís na <i>Nova Águia</i>	113-114
Salvato Trigo – A UFP e Agustina Bessa-Luís	115-117
Sérgio Lira – Museu Agustina Bessa-Luís – breve história de um projecto	119-126

Varia

Nuno Brito – As mãos, o coração, o mundo: o excesso e a intensidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade	129-147
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------

Rui Tavares de Faria – Figurações da Ilha na poesia de Natália Correia: da expressão da açorianidade à busca da universalidade	149-163
Marina Barba Dávalos – Condena musical en <i>Os Dous Renegados</i>	165-194
Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes – Tradução teatral para galego no período 1916-1936: <i>corpus</i> atualizado de obras e das suas fontes à luz de descobertas recentes	195-218
Mercedes Soto Melgar – La influencia del Portugués en la terminología marinera gaditana: los lusismos en el habla viva de los pescadores	219-256
Idalina Camacho / Carla Aurélia de Almeida – Estratégias de proteção e mitigação do discurso em Português Língua não Materna: um estudo de caso	257-292

Reseñas / Recensões

Elisa Nunes Esteves – <i>Poetas del Alentejo</i> (Selección e Introducción de Ana Luísa Vilela e Antonio Sáez Delgado, Traducción de Juan Vivanco Gefaell), Lisboa, Ed. Shantarin, 2022, 163 pp.	295-299
Guillermo Vidal Fonseca – Carlos Callón, <i>O libro negro da lingua galega</i> , Vigo, Xerais, 2022, 767 pp.	299-305
José Cândido de Oliveira Martins – Plutarco, <i>Como deve o jovem ouvir os poetas?</i> Trad., introd. e notas de Marta Várzeas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.	305-308
José Cândido de Oliveira Martins – José Augusto Cardoso Bernardes, <i>A oficina de Camões: apontamentos sobre Os Lusíadas</i> , Coimbra, Imprensa da universidade, 2022, 260 pp.	308-310
José Vieira – Barbara Gori, <i>Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.	310-313
Juan M. Carrasco – Gilberto Mendonça Teles, <i>Vanguarda europeia & modernismo brasileiro</i> , 21ª edição, Edição ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 2022, 656 pp.	313-315
Normas de publicación / Normas de publicação	317-321

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 16 – 2022

Longos dias têm cem anos: with Agustina Bessa-Luís

SUMMARY

Maria Teresa Nascimento – Preface	9-12
Alda Maria Lentina – Virgins, single and powerful: women in the work of Agustina Bessa-Luís	13-30
Fernanda Barini Camargo – In pursuit of the <i>Sibyl</i> : reading domestic space in Agustina Bessa-Luís	31-52
Maria do Carmo Cardoso Mendes – Agustina Bessa-Luís reader of Luís de Camões	53-66
José Cândido de Oliveira Martins – Travels, identity and memory in Agustina Bessa-Luís and Maria Ondina Braga	67-87
Maria do Rosário Lupi Bello – <i>The Northern Court</i> - from book to film	89-100

Reflections

António Braz Teixeira – Agustina and the Aphorism	103-104
Isabel Ponce de Leão – Language is the container for thought	105-106
José Viale Moutinho – Slow, silent, unknowing	107
Maria Helena Padrão – Agustina Bessa-Luís, a passion	109-111
Renato Epifânio – Agustina Bessa-Luís in <i>Nova Águia</i>	113-114
Salvato Trigo – The UFP and Agustina Bessa-Luís	115-117
Sérgio Lira – Museum Agustina Bessa-Luís - brief history of a project	119-126

Varia

Nuno Brito – The hands, the heart, the world: excess and intensity in the poetry of Carlos Drummond de Andrade	129-147
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------

Rui Tavares de Faria – Figurations of the Island in Natália Correia’s poetry: from the expression of Azoreanity to the search for universality	149-163
Marina Barba Dávalos – Musical revenge in <i>Os dous renegados</i>	165-194
Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes – Theatre Translation into Galician (1916-1936): An Updated Corpus of Translated Plays and Sources in Light of Recent Findings	195-218
Mercedes Soto Melgar – The influence of portuguese in the seafaring terminology of Cádiz: lusisms in the spoken language of native fishermen	219-256
Idalina Camacho / Carla Aurélia de Almeida – Hedging Strategies and Mitigation in Portuguese as a non-native Language: a case study	257-292

Book Reviews

Elisa Nunes Esteves – <i>Poets of the Alentejo</i> (Selection and Introduction by Ana Luísa Vilela and Antonio Sáez Delgado. Translation by Simon Park), Lisboa, Ed. Shantaran, 2022, 163 pp.	295-299
Guillermo Vidal Fonseca – Carlos Callón, <i>O libro negro da lingua galega</i> , Vigo, Xerais, 2022, 767 pp.	299-305
José Cândido de Oliveira Martins – Plutarco, <i>Como deve o jovem ouvir os poetas?</i> Translation and introduction by Marta Várzeas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.	305-308
José Cândido de Oliveira Martins – José Augusto Cardoso Bernardes, <i>A oficina de Camões: apontamentos sobre Os Lusíadas</i> , Coimbra, Imprensa da universidade, 2022, 260 pp.	309-310
José Vieira – Barbara Gori, <i>Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa</i> , Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.	310-313
Juan M. Carrasco – Gilberto Mendonça Teles, <i>Vanguarda europeia & modernismo brasileiro</i> , 21ª edição, Edição ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 2022, 656 pp.	313-315
Standards of publication	317-321

É, portanto, uma edição acessível e apelativa, pensada para leitores estrangeiros: os poemas têm apresentação bilingue, com traduções de elevada qualidade, e todos os paratextos se apresentam respetivamente em inglês e em espanhol. Assim se alarga o número de potenciais leitores, convertendo-se estes livros num veículo de internacionalização de poetas que, embora ligados a uma região, têm uma dimensão muito mais ampla, são verdadeiramente poetas canónicos da literatura portuguesa. Uma palavra final sobre os organizadores da antologia, Ana Luísa Vilela e Antonio Sáez Delgado, que ao longo de muitos anos têm percorrido os caminhos desta região: acredito que a eles, como ao poeta José Régio, o Alentejo também lhes tenha dado “asas e raízes”.

Carlos Callón, *O libro negro da lingua galega*, Xerais, 2022, 767 pp.

Guillermo Vidal Fonseca
Universidad de Extremadura
gvidalfonseca@unex.es

Se tivese que facerse unha sinopse d' *O libro negro da lingua galega* nunha soa frase, esta podería ser perfectamente «o compendio de todas as agresións, discriminacións e opresións rexistradas contra a lingua galega e os seus falantes desde finais do século XV até (case) a actualidade». A través dun labor de ampla documentación, tanto en fontes escritas como en testemuños orais, o profesor Callón consegue pór en coñecemento do público menos erudito os ataques que recibiu a lingua galega no seu longo transitar desde que era lingua normalizada e prestixiada na Idade Media até os días de hoxe, caracterizados pola diglosia e a perda relativamente acelerada de falantes.

A obra combina con man esquerda dous enfoques aparentemente irreconciliables: por un lado, o dunha pescuda científica destinada aos ámbitos máis académicos, palpable a través dun

exercicio admirable de referenciación bibliográfica, consulta de diversas fontes e pescuda para apoiar ou entender os motivos históricos, contexto, data, antecedentes etc. das propias historias que narra e, por outra, o dun ensaio con vocación divulgativa e de concienciación, evidenciábel pola omnipresente toma de posición ideolóxica sen ambigüidades perante os feitos narrados, pola linguaxe achegada e por veces apoderada de recursos propios da oralidade ("Nin iso!", p. 505) e incluso polo feito de incluír no repertorio de ataques históricos contra a lingua testemuños orais e particulares que, se ben teñen total verosimilitude, serían nalgúns casos cuestionados cientificamente polo feito de seren dificilmente comprobables ao 100%.

O autor integra a recompilación de agresións lingüísticas baixo a epígrafe *Mil e unha noites de pedra*, un título que nos lembra ao franquismo descrito por Celso Emilio; mais destina previamente varias seccións a preparar o terreo para a análise desas agresións, que detalla entre as páxinas 41 e 729. Así, iníciase previamente cunha diferenciación terminolóxica entre *galaicofobia* e *galegofobia* (esta última, a fobia á lingua, forma parte da primeira), aclarando que a obra só pretende dar conta da galegofobia, a pesar de que a fronteira entre ambas será moi difusa en moitos dos ataques narrados. Tamén como introdución reflexiona sobre os estudos galegos dedicados á historia social da lingua e sobre a necesidade dunha obra específica, como esta, na que se analicen os momentos que supuxeron un "trauma" ou "varrido" (p. 14) e que significaron un declive nos usos ou no número de falantes. Neste sentido, a obra relaciónase e complementase cos principais traballos dedicados a investigar o noso pasado sociolingüístico, nomeadamente Mariño Paz (1998) ou Monteagudo (1999) e que o propio autor menciona, mais, a maiores, pretende que o galego dispoña dunha obra de natureza similar á que xa teñen desde hai décadas outras linguas historicamente atacadas do Estado español, o catalán e o vasco.

Por outra parte, o capítulo 2 (*Catro falacias e unha isca*) está estratexicamente colocado como contrapeso previo á sección principal do libro (*Mil e unha noites de pedra*), pois pretende alertar sobre catro tópicos específicos sobre o galego que circulan tradicionalmente entre os falantes ou amplificadas polos medios de comunicación e as redes sociais e que, deseguido e ao longo de case 700 páxinas, quedarán desmentidos polo peso dos feitos históricos e mesmo actuais. Dito doutra forma, o autor alerta o lector contra varios tópicos nos que este pode chegar a crer antes de que entre na sección de agresións. Así, en

«non houbo imposición do castelán» dá conta dos cadros académicos e políticos que sustentaron a falacia e lle dan pulo: son significativas as verbas do rei de España coa que o autor abre a obra ("a nadie se le obligó nunca hablar en castellano", p. 9) ou as estratexias discursivas da académica Escola Filolóxica Española e cuxas manipulacións, ben explicadas, poderían ter sido relacionadas coas que xa foran parcialmente retratadas por Sánchez Vidal (2018). «Non houbo política lingüística negativa contra a Galiza», «A persecución contra o galego aconteceu só durante o Franquismo», «Non houbo adiantos para o galego porque non había xente que o pedise» e «Non eran prohibicións contra o galego, coincidiu que iso estaba en galego» completan a nómina de falacias que son desbancadas ou sobre as que se alerta para que a lectura posterior conduza á reflexión sobre esas ideas. O estilo destas formulacións, se ben ocupa unha parte moi pequeniña da obra, lembra a disposición directa das *55 mentiras sobre a lingua galega* (Costas 2009).

Como foi sinalado, as *Mil e unha noites de pedra* constitúen o núcleo central da obra. Organízanse en entradas encabezadas coa data, precisa ou aproximada, da agresión en cuestión contra a lingua e mais dun título breve, xeralmente explicativo ou consistente nunha cita significativa textual que forma parte da agresión. O compendio iníciase o 28 de maio de 1480 coa prohibición expresa da administración castelá aos escribáns de usaren o galego no seu oficio e remata o 26 de xuño de 1986 coa sentenza do Tribunal Constitucional español tombando a igualdade de linguas (deber de coñecelas, dereito a usalas) estipulada pola Lei de Normalización Lingüística de 1983. Semella significativa a data ou o fito que escolle o autor para pór punto e final á recompilación de ataques contra a lingua da súa obra. Tendo en conta que a obra se escribiu en 2022, a pouco que nos mergullásemos nas hemerotecas e redes sociais habíamos atopar moreas de agresións nos máis de 35 anos entre 1986 e os nosos días. Parece claro que o factor da extensión é chave, pois con xa 767 páxinas non sería funcional incluír os últimos 35 anos: sería inevitable que a obra ficase dividida en dous ou máis volumes. Mesmo así, a escolla desa data e ese fito concretos para fechar o compendio, e non outros en anos anteriores e posteriores, non é arbitrario e, ao meu entender, ten a ver coa relevancia específica que ten para a supervivencia e para o presente dun idioma (neste caso, o galego) unha sentenza xudicial que estipula e garante a desigualdade xurídica entre linguas, e que por tanto afirma

que hai linguas de primeira e de segunda clase e que estas últimas non poden gozar de funcións ou privilexios das que gozan as primeiras. As consecuencias dun feito coma este son moi acusadas no terreo do prestixio das linguas e na perda da transmisión, algo que o propio autor sinala nos capítulos introdutorios como cuestións de moito peso á hora de escribir a obra e de dar a coñecer ao público as agresións sufridas ao longo de 6 séculos.

En canto ao trazo das agresións, o autor consegue ofrecer unha imaxe moi vívida e gráfica do que supuxo cada unha delas para a lingua e, eventualmente, para as persoas que as sufriron directamente. É, ademais, meticuloso á hora de incluír tanto agresións directas (malleiras por falar galego, orde pública prohibindo certos usos, artigos de opinión en chave de mofa...) como as indirectas, aquelas que poderían pasar desapercibidas, a priori, polo lector: silencio administrativo ante reclamacións por agresións lingüísticas, autocensura de galegofalantes por medo xustificando a represalias do máis diverso, lexislación oposta aos dereitos do galego sen expresividade concreta da lingua que será obxecto de punición etc. Esta diferenciación serve tamén como elemento de reflexión e alerta para a actualidade, pois os falantes estamos afeitos a detectar e quizais enfrontarnos ás agresións directas mais asumimos as indirectas ou se cadra nin sequer as percibimos. Ademais, a colección de opresións, ao seguir unha liña temporal, permite detectar a secuencia da historia externa do galego a través das historias narradas: desde a perda de prestixio e usos coa chegada da administración castelá, pasando polos chamados Séculos Escuros, os primeiros intentos de recuperación e dignificación do século XIX, o labor en prol dos dereitos lingüísticos no primeiro terzo do século, o franquismo e a posterior transición do réxime. Con todo, é salientable que en calquera destes espazos temporais, tanto nos máis sombríos como nos aparentemente máis optimistas, nunca cesaron as agresións e case nunca minguaron en canto a intensidade represiva, a non ser o de casos limitados como o da violencia física nas aulas contra mociñas e mociños por usaren o galego desde a consecución do Estatuto en 1981.

É de destacar que a variedade cualitativa e cuantitativa das agresións rexistradas permite, na miña opinión, traballos de pesquisa posteriores que teoricen ou amplíen os coñecementos, non tanto sobre a ideoloxía que se atopaba por tras delas e da que se teñen ocupado autores como Moreno Cabrera (2015), senón tamén sobre as estratexias e o plan de acción dos poderes establecidos para a inxente tarefa de

asasinar unha lingua, desacreditala, desprestixiala ou deixar que siga un curso conducente á súa desaparición. Estas estratexias planificadas existen desde finais da Idade Media, como fica claro pola correspondencia entre o propio Nebrija e os reis casteláns (pp. 50-52) pasando polas instrucións secretas dos Decretos de Nueva Planta (p. 99), e, a través da recompilación de agresións de Carlos Callón, pódense albiscar ou esbozar varias. Así, en canto ao argumentario para negarlle dereitos lingüísticos ao galego, pódense intuír varias fases ou tendencias: unha primeira, na que se nega calquera uso formal para o galego baixo o pretexto de que non é apropiada para tales funcións ou que a castelá é a única importante, válida etc. As epígrafes de 1492 ('un imperio, unha soa lingua', p. 50), 1543 (castigos por falar castelán con galeguismos nas escolas de gramática, p. 69) ou 1577 (desprezo absoluto por Galiza e a forma de falar das súas xentes) son bos exemplos disto. Co paso dos séculos e nun segundo estadio, o galego pasa a ter unha mínima validez, mais só para falaren os labregos ou para usar na poesía: "mientras la propaganda del idioma gallego se haga bajo el punto de vista literario, ayudaremos" (p. 183), "no ocultaré cuán infructuosas me parecen las tentativas de desarrollar temas abstractos (...) en el dialecto gallego" (p. 194) etc. Para que o galego fose lingua de escola, logo de séculos de negación (xa o reclamaba Sarmiento no XVIII), habería que agardar primeiro á postura da II República por volta de 1932, que non chegou a facerse efectiva polas dilacións inxustificadas e polo golpe de Estado de 1936, e finalmente aos anos 80, cando por fin se fixo efectiva. O galego na Igrexa e nas misas sufriu un proceso semellante, e en ambos os dous casos as agresións máis sutís e discriminacións non cesaron. Malia a concesión moi progresiva de certos dereitos, é conveniente, porén, lembrar todos aqueles campos nos que o galego nin sequera está hoxe en día, como o da xustiza.

A lectura completa da obra tamén permite facerse unha idea das estratexias discursivas no proceso de negación de existencia do galego e as súas variacións conforme se conquistaban dereitos ou se normalizaban situacións antes inesperadas. Neste sentido, o galego primeiro era algo mal falado, unha "bárbara lengua" (p. 68), "salvaje" (p. 53), algo "subalterno y corrompido" (p. 87), hai que entender, do castelán, do que consideran dialecto catalogándoo como "castelán antigo" (pp. 144, 161); cando o proceso de recuperación de usos escritos do Rexurdimento xa é imparabile, entón pasa a desacreditarse afirmándose como portugués, tentando ridiculizar os intentos de

normativización ("todo gallego que no quiera escribir en castellano escribirá en portugués", pp. 227, 228). Finalmente, cando moitos se propoñan depurar o galego de castelanismos e achegalo á súa matriz histórica, entón o galego si que pasa a considerarse totalmente independente e sen vínculos co portugués, burlándose dos que queren "aportuguesar el gallego" (p. 387). Como o propio autor indica, non son nin autonomistas nin reintegracionistas, senón só usuarios de estratexias para desacreditar o galego e impedir os seus avances. O mesmo acontece coa caracterización fónica do galego: primeiro, cando nos séculos XVI ou XVII se aplica a política de sometemento e uniformización lingüística imperial contra o galego, a lingua é "bárbara, salvaje" (p. 53), "tosca, poco armoniosa" (p. 101); cando o Rexurdimento recupera e dignifica o idioma no século XIX, entón pasa a ser "dulce", "mimoso, acariciador, poético" (p. 216), unhas gabanzas que realmente pretenden argumentar a suposta invalidez do galego para usos formais ou elevados e a única utilidade para a poesía. Por último, a obra, indirectamente, tamén convida á revisión de figuras ou institucións, tanto galegas como non galegas, mitificadas pola tradición política progresista ou por movementos sociais relevantes. Así, a reiteración de casos e datas nos que Emilia Pardo Bazán ou Miguel de Unamuno aparecen como verdugos da lingua galega e procurando a súa desaparición convidan a reflexionar sobre o prestixio que acumulan hoxe en día e a artellar outros ollares que sexan críticos no seu conxunto; un camiño xa tomado, por exemplo, por García Negro (2021) no caso de Pardo Bazán. O mesmo se pode dicir doutras figuras que fican negativamente retratadas pola súa aversión ou timidez na defensa do galego, como Noriega Varela, Azaña, a II República española ou algunhas figuras máis ou menos vencelladas ao piñeirismo, como Domingo García Sabell ou o propio Fernández del Riego.

Definitivamente, á luz da súa lectura, o *Libro negro da lingua galega* constitúe unha obra de gran proveito: polas súas achegas científicas para o coñecemento do proceso de relegación social e persecución da lingua galega; polo proveito da súa divulgación entre o público menos académico, en aras da consecución dunha concienciación lingüística maior e dunha planificación lingüística acorde á situación do idioma; pola voz dada a moitas persoas anónimas, ou con nome e apelidos, que ao longo dos séculos sufriron represión lingüística; e polas portas abertas que deixa a posteriores investigacións que amplíen os actuais coñecementos sobre as históricas estratexias ocultas de minorización da lingua (incluídas as discursivas)

e a de persoas e figuras institucionais que funcionaron como agresoras lingüísticas ou como barreira para o normal desenvolvemento da lingua galega.

Bibliografía

- Costas, Xosé Henrique (coord.) (2009): *55 mentiras sobre a lingua galega*, Santiago de Compostela, Laiovento.
- García Negro, María Pilar (2021): *Galiza e feminismo en Emilia Pardo Bazán*, Santiago de Compostela, Alvarellos Editora.
- Mariño Paz, Ramón (1998): *Historia da lingua galega*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- Monteagudo, Henrique (1999): *Historia social da lingua galega*, Vigo, Galaxia.
- Moreno Cabrera, Juan Carlos (2015): *Los dominios del español. Guía del imperialismo lingüístico panhispánico*, Madrid, Síntesis.
- Sánchez Vidal, Pablo (2018): “Os idiomas do estado español. Un enfoque sociolingüístico”. Anexo 77 de *Verba*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

Plutarco, *Como deve o jovem ouvir os poetas?* (Trad., introd. e notas de Marta Várzeas), Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.

José Cândido de Oliveira Martins
Universidade Católica Portuguesa
cmartins@ucp.pt

Desde logo, refira-se que o volume em apresentação se integra na “Série Autores Gregos e Latinos” da Imprensa da Universidade de Coimbra, contando já com um considerável número de títulos neste domínio temático específico. Esta série é divulgada quer através de edições impressas, quer do suporte online (*Biblioteca Classica Digitalia*),